

291

Problemas da vida Paroquial

II

O último número da «Lumen» não tinha ainda uma semana de vida e já nos chegavam, de vários pontos do país, cartas de aplauso ao despretenso artigo que aqui escreveramos sobre a reunião sacerdotal da Curia.

Não fizemos doutrina, não traçáramos planos, não dizíamos quase nada. Apenas um artigo escrito a medo, como quem sonda o desconhecido, ou como quem tateia uma ferida, para saber se dói.

O entusiasmo de alguns foi, porém, tão pronto, a reacção tão generosa, que nos decidimos a voltar à carga.

Porque não repetirmos noutras dioceses a reunião da Curia? — perguntaram alguns.

Os espíritos estão prontos? — perguntamos agora nós.

Exame de consciência — Se nós, os Padres, não fizermos cristianismo, quem há-de cristianizar? É certo que a missão evangelizadora, a repetir em cada geração com entusiasmo de cada vez maior (porque a árvore, a que o Senhor comparou o Reino do Céu, tem de crescer) nos foi confiada, em primeiro lugar, a nós. Se nós não evangelizarmos, ninguém evangelizará. E não poderemos repetir o que escreveu S. Paulo: *vae enim mihi est si non evangelizavero* (I cor. IX, 16)?

Ora a observação dos factos de cada dia leva-nos à certeza absoluta de que entramos em franca decadência religiosa e numa alarmante e progressiva descris-tianização. A maior profundidade de vida cristã de uma activa minoria ainda faz realçar mais o fenómeno desolador de que já se dão conta muitos dos nossos Pa-
rocos.

Queremos factos?

Cada qual pode observar os seguintes:

- 1.º — Profunda ignorância religiosa dos que ainda se dizem cristãos. Os mais cultos desconhecem quase tudo do essencial da nossa Fé.
- 2.º — Desmoralização crescente dos costumes em todos os meios citadinos

e industriais, com nítida invasão das aldeias. Num inquérito feito a umas centenas de Párocos de meios mais ou menos industriais, sem saberem uns dos outros, responderam todos o mesmo: os namoros são feitos à maneira dos pagãos; os lares têm pouca vida cristã; as práticas anticoncepcionais e abortivas estão em voga; as crianças fazem a comunhão solene mas, regra geral, não persistem; perde-se a noção do pecado, pouco a pouco; o povo trabalhador (operários industriais sobretudo) afasta-se de cada vez mais da Igreja e do Padre; perdeu-se a antiga seriedade dos negócios; o luxo e a vaidade pervertem até as raparigas dos meios pobres; respira-se uma atmosfera de sensualidade e de solicitação; começam a ser admitidos como normais os casos de adultério, mancebia, relações pré-conjugais; o vício do álcool invade a própria juventude.

3.º — Laicização progressiva da vida social. Com efeito, a Igreja não está nas fábricas, nem nos escritórios; não está tão pouco nas organizações do trabalho ou da economia que prescindem inteiramente dela; começa a não estar na grande maioria das organizações de assistência por Ela outrora fundadas e sempre acarinhas; nem tampouco está nas organizações modernas que pretendem substituir o amor fraterno e evangélico pelas reservas matemáticas da Previdência, aliás tão recomendada pela Igreja.

4.º — Laicização progressiva da educação, pela para-militarização e enquadramento da juventude em organizações laicas educativas que vão habituando — como é por vezes o caso — a considerarem mais importante a assistência aos exercícios físicos do que a assistência ao Santo Sacrifício da Missa.

5.º — O constante perdomínio do económico sobre o social e o religioso, que vai habituando o povo à ideia de que a vida e o progresso dependem em primeiro lugar e quase exclusivamente da produção e do dinheiro.

6.º — A progressiva deficiência da habitação sobretudo nos meios industriais e citadinos, que desmorona a família e, com ela, o principal esteio da educação cristã das novas gerações.

Por sua vez, a vida paroquial torna-se mais difícil.

Por um lado, o aumento da prática dos Sacramentos da parte do escol dos cristãos e as actividades da Acção Católica; por outro, o aumento das dificuldades para permanecer em contacto com o povo, e a juventude em especial.

O aumento das actividades apostólicas da A. C., que tendem à formação de um escol *militante*, absorve maior parte do tempo do sacerdote, no confessional, nas práticas de piedade, em reuniões. A necessidade de organizar melhor a vida paroquial impõe ao Pároco maior volume de burocracia, estatísticas, etc.

Ao lado deste aumento de trabalho, verifica-se um outro fenómeno que torna a acção paroquial muito mais difícil, como dissemos, isto é, o desenvolvimento das cidades e dos meios industriais que veio desarticular inteiramente a paróquia,

dividi-la e
pletamente
isto o des
poderosam
antigos int
que se erg
separar-se

Dac
paroquial

Em
mar que j
nos ela ex
conquistac
ca a ele

Pri

da J. O.
meios pa
ano passa
balho de
na revist
outras co
relação a
mos. Ho
sacramen
mo onte
o culto
minado

P

pregador
nário da
lado, ac
enraizar
em tod
e velho
nir-se
nistrar
aqui es
da abs

dividi-la em sectores estranhos uns aos outros quando não hostis, e torná-la completamente incharacterística como centro de vida comunitária. Se acrescentarmos a isto o desenvolvimento das distrações (cinema, clubes, desportos) que solicitam poderosamente a sensibilidade e o interesse das populações, desviando-as dos seus antigos interesses religiosos, teremos um quadro aproximado dos novos problemas que se erguem diante da missão paroquial e dos fenómenos que fizeram as ovelhas separar-se progressivamente do seu pastor.

Daqui a necessidade de se abrir caminho para uma adaptação da actividade paroquial às novas condições de vida, sob pena de se perder continuamente terreno.

Em muitas cidades ou grandes centros modernos, podemos, com efeito, afirmar que já não existe vida paroquial, mesmo em relação ao povo fiel. Muito menos ela existe, se encararmos a vida paroquial no aspecto obrigatório de apostolado conquistador não só das ovelhas afastadas do redil, mas também daquelas que nunca a ele pertenceram, e que têm de ser chamadas: «*opportet illas me adducere*».

Princípio fundamental — O Cônego Georges Guérin, Assistente nacional da J. O. C. francesa e um dos animadores do movimento de recristianização dos meios paganizados por um apostolado sacerdotal ousado e moderno, percorreu, o ano passado, oitenta cidades e conferenciou com mais de mil párocos. Deste seu trabalho de investigação fez um interessante relatório, cujas conclusões encontramos na revista «*Paroisse et liturgie*» (n.º 2 — 1949, pág. 112 e seg.). Ali se lê, entre outras coisas: «II — A fonte desta espécie de ineficácia do ministério pastoral em relação ao mundo moderno não deve ser procurada nos actos pastorais em si mesmos. Hoje como ontem, é preciso alimentar as almas com a palavra de Deus e os sacramentos da fé: pregar, catequizar, confessar, visitar os doentes, etc.... Hoje, como ontem, é preciso celebrar dignamente os mistérios eucarísticos e prestar a Deus o culto que lhe é devido. Hoje como ontem, parece acertado que um clero determinado tenha o encargo de uma porção determinada da Igreja».

Por sua vez, S. S. Pio XII, no discurso de 23 de Março de 1949, falando aos pregadores da Quaresma na Cidade Eterna, dizia: «Este último (o ministério ordinário das almas), permanece sempre o elemento principal e fundamental do apostolado, ao menos naquelas regiões onde as instituições eclesiásticas profundamente se enraizaram e onde as condições religiosas são de certa maneira normais. Sempre e em todos os casos será necessário ensinar a doutrina da fé aos paroquianos, jovens e velhos, mas sobretudo às crianças e aos adolescentes; sempre, deverão os fiéis reunir-se conjuntamente para assistir ao Santo Sacrifício; sempre será preciso administrar-lhes os santos sacramentos. E falando do ministério das almas, pensamos aqui especialmente no sacramento da Penitência que requer do sacerdote uma vida absolutamente exemplar, unida ao sentimento da responsabilidade, à clareza e

à segurança do juízo, ao domínio de si-mesmo, à prudência e ao tacto. Sempre, aliás, irão bater às portas da Igreja os miseráveis e os pobres; sempre há-de haver doentes a assistir e a reconfortar por meio dos últimos sacramentos; sempre haverá mortos cujo funeral será preciso fazer; sempre deverá o Padre encontrar tempo para as conversações indispensáveis com os seus paroquianos e também sempre a direcção das associações e organizações católicas exigirá dele dedicação e paciência, mesmo quando puder confiar aos seus colaboradores leigos os cargos que estes estão em condições de desempenhar tão bem como ele.

«Tudo isto é o ministério ordinário. É menos aparente que os actos extraordinários e as grandes manifestações; é o trabalho de todos os dias; faz-se silenciosamente e passa muitas vezes despercebido. E no entanto deveria agir sempre e em todos os tempos da maneira mais perfeita possível, mesmo e justamente na hora actual, porque todas as almas que as actividades extraordinárias ganham para Cristo ou que são conduzidas a Ele por formidáveis acontecimentos, também elas devem finalmente entrar no ministério ordinário, contínuo e profundo. Este ministério deve dar a todos a certeza de serem acolhidos nos braços maternos da Igreja; por seu intermédio sobretudo é que a Igreja se desempenha da sua função de anunciar a Cristo e de instruir e guiar todos os homens, a fim de os conduzir, a todos também, à perfeição, em Cristo Jesus (Cf. Col. I, 28)».

É pois ponto assente que, ao falarmos de transformação, adaptação, do ministério paroquial se entende, em primeiro lugar e fundamentalmente, um aperfeiçoamento do ministério ordinário: pregar, santificar, governar. Adaptação da pregação às exigências críticas e negativistas do mundo moderno, adaptação do ensino da catequese e da organização desse mesmo ensino de maneira a interessar profundamente as crianças pelos mistérios da Fé que vão aprendendo; mais perfeita e humilde administração dos Sacramentos, de maneira a que o povo tome consciência do que recebe, do seu profundo e misterioso significado, das responsabilidades que assume; maior e mais perfeita consciência e conhecimento do Santo Sacrifício, para que desapareça esta «indigna ignorância de tantas almas no que respeita a mistério tão sublime» (Pio XII, 23 de Março de 1949); maior e mais íntima união a Cristo, único e eterno Sacerdote e santificador, para que a vida dos cristãos seja uma pregação viva do esplendor do Evangelho e da realidade de Cristo como salvador dos homens e das sociedades.

A base de toda a transformação do ministério paroquial encontra-se, portanto, aqui. E que esta transformação produz imediatos e salutares efeitos aí estão a atestá-lo aqueles párocos que já iniciaram, em verdadeiro espírito de fé, o movimento ascensional para o alto e sublime encontro com o Senhor Jesus, revelado nos mistérios dos sacramentos, da oração, da viril e decidida audácia a que nos convida o Seu Coração, renovador da face da terra, em espírito e em verdade.

O
que nos e
ras: «Me
lia da sua
lavras du
não só ac
religiosas
aqueles f
formar a
desta orc
curso de
R
nário pa
para dar
o primei
C
F

viços
za da

tração
assin

não s
do a

roco

Adm
tires

de
rão

O fenómeno cristão moderno é, com efeito, a luta com o poder das trevas, que nos envolve e nos esmaga sob diversas e até, por vezes, contraditórias máscaras: «Meditai, queridos filhos, nas palavras que o Senhor dirigiu a Pedro, na vigília da sua Paixão: «Eis que Satã vos reclamou para vos joeirar como ao trigo», palavras dum impressionante significado nos tempos em que vivemos. Aplicam-se não só aos pastores mas também a todo o rebanho. Nas formidáveis controvérsias religiosas de que somos testemunhas, não se pode realmente contar senão com aqueles fiéis que oram e se esforçam, mesmo à custa de grandes renúncias, por conformar a sua vida com a lei divina. Todos os outros, na ordem espiritual — e é esta ordem que se trata — oferecem-se a descoberto aos golpes do inimigo» (Discurso de 23 de Março de 1949).

Renovação, espiritualização, íamos a dizer, cristianização do ministério ordinário paroquial e fundamento de todo o imenso trabalho que temos de empreender para dar consciência aos fiéis da grandeza sublime e renovadora da vida cristã, eis o primeiro e essencial esforço que urge por toda a parte fazer.

O resto — e o resto é ainda tanto — virá por acréscimo.

Falaremos também desse resto.

Padre Abel Warzim

DESENVOLVIMENTO
E SOLIDARIEDADE

NOTA DA ADMINISTRAÇÃO

© Todos os direitos reservados

A Administração da «Lumen», para boa organização dos seus serviços e pronta resposta às reclamações dos Ex.^{mos} assinantes, pede a fineza da observância do seguinte:

1.º — Sempre que haja necessidade de comunicar com a Administração, é de grande utilidade indicar o nome, o endereço e o número de assinatura, tal como é dirigida a «Lumen» aos Ex.^{mos} assinantes;

2.º — Avisar a Administração sempre que falte qualquer fascículo, não se recebendo reclamações pela falta de vários números, feitas no fim do ano;

3.º — A Administração só aceita a suspensão de assinaturas de Párcos através das respectivas Cúrias;

4.º — Toda a correspondência, quer para a Redacção quer para a Administração da «Lumen», deve ser endereçada para o Campo dos Mártires da Pátria, 43 em Lisboa;

5.º — Estão já à cobrança, nas respectivas Cúrias, os recibos do ano de 1949, referentes aos Revs. Párcos; os recibos de assinatura pessoal serão enviados à cobrança brevemente.